

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA ISMAR ALVES DO AMARAL XAVIER

HISTÓRIA DE QUEM GOSTA DE APRENDER E
ENSINAR

CAMPINAS

2009

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA ISMAR ALVES DO AMARAL XAVIER

**HISTÓRIA DE QUEM GOSTA DE APRENDER E
ENSINAR**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção de aprovação no curso de especialização "A pesquisa e a tecnologia na formação docente", da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Afira Vianna Ripper

Monitora: Maria Thereza Alexandre

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	TCC
	X19h
V:	EX:
Tombo:	4796
PROC.:	134110
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	05/05/10
CÓD TÍTULO:	077075

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

X19h	Xavier, Maria Ismar do Amaral História de quem gosta de aprender e ensinar / Maria Ismar do Amaral Xavier. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.
	Orientador : Afira Vianna Ripper. Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Ensino – Aprendizagem. I. Ripper, Afira Vianna. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	09-BFE

Agradecimentos

A Deus.

A meu esposo, companheiro que me deu apoio e incentivou a continuar.

Aos meus filhos, pais, irmãos, sem eles o meu esforço não teria razão.

Às colegas do grupo, em especial Deborah Valéria, que com suas experiências, muito me fez crescer; pois a sabedoria e o conhecimento de nada servem se não forem compartilhados.

Aos professores e professoras. Em especial Maria Thereza que de forma carinhosa, contribuiu para a minha formação profissional.

E, hoje, depois de muito trabalho, pesquisa e esforços-recompensados, fica aqui o meu MUITO OBRIGADA.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo contar um pouco de minha história enquanto estudante nas séries iniciais do Ensino Fundamental, da formação no magistério e de minha trajetória como profissional da educação, da qual destaco a experiência da implantação da organização da escolaridade em ciclos na EMEF Prof. André Tosello, de Campinas, e o trabalho pedagógico com a aplicação da metodologia de pesquisa científica no desenvolvimento de projetos de pesquisa pelos alunos, que, investigando de problemas relacionados à sua realidade, descobrem nela aspectos antes despercebidos, ao mesmo em que produzem conhecimento sobre a mesma.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	2
HISTÓRIA DE VIDA.....	2
Caracterização da unidade escolar, recursos físicos e materiais.....	5
1.2. Características do bairro.....	7
CAPÍTULO II.....	10
Ciclo inicial de alfabetização na E.M.E.F. “Professor André Tosello”.....	10
2.1. Breve relato de experiência vivida em série.....	12
2.2. Ciclo - Vivência Atual.....	14
CAPÍTULO III.....	17
O TRABALHO COM PROJETOS DE PESQUISA.....	17
3. 1 - 2º Ano do Ciclo I – 2008 - Projeto Alimentação.....	17
3.2. - 3º Ano do Ciclo I - 2009 - Investigando o meio ambiente do bairro – Vila Aeroporto.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Alunos apresentando o trabalho sobre “Os males do cigarro”.....	15
Figura 2. Classe preparando a salada de frutas.....	22
Figura 3. Investigando o entorno da escola.....	26
Figura 4. Pesquisa de campo no bosque.....	28
Figura 5. Construindo maquete.....	29

INTRODUÇÃO

Este estudo traz uma reflexão sobre fatos ocorridos na minha vida estudantil, ainda em Minas Gerais, relata minha trajetória profissional e aborda minha condição de aluna do curso de especialização.

Os dados dispostos nesta pesquisa são materiais escritos por mim, assim como os dois exemplos de projetos de pesquisa desenvolvidos nos anos de 2008 e 2009.

O capítulo I aborda minha história de vida, caracterização da escola, dos alunos e do bairro onde atuo como professora.

O capítulo II relata a realidade da escola Prof. André Tosello e a implantação da organização da escolaridade em ciclos.

O capítulo III descreve projetos de pesquisa desenvolvidos com os alunos.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DE VIDA

Tudo teve início no ano de 1973, quando eu havia completado sete anos. Como toda criança dessa idade, chegara a minha vez, enfim, eu iria começar a freqüentar a escola.

Antes dos sete anos, em casa, meu pai me incentivava, apesar de ser um pequeno lavrador, com baixo nível de escolaridade. Papai sempre me apoiou nos estudos. Com seu jeito "grosseiro" e sem nenhuma didática, me ensinou os primeiros passos da alfabetização, colocando-me para ler o alfabeto numa pequena cartilha que continha apenas letras e sílabas soltas. Ele sempre dizia que o estudo era a única herança que os pais ofereciam para os filhos e que ninguém podia roubá-la.

Uma pequena sala de aula da zona rural, no norte de Minas Gerais, em uma das regiões mais pobres do Brasil, o Vale do Jequitinhonha, foi o lugar em que tive o meu primeiro convívio com a vida estudantil. A escola pertencia à Rede Municipal de Ensino e era constituída por uma cantina, usada pela professora e os alunos maiores na preparação da merenda, apenas uma sala de aula ampla, que acomodava alunos de todas as séries iniciais do Ensino Fundamental, na qual havia duas lousas, uma em cada extremidade. Os alunos da primeira e da segunda séries estudavam virados para uma das lousas e os da terceira e quarta para a outra. Os estudantes mais adiantados ajudavam os que eram novatos.

Quando ingressei na escola, fui recebida com carinho e atenção. Naquela época eu já conhecia todo o alfabeto e já havia desenvolvido bem a coordenação motora fina, isto é, já conseguia fazer as lições sem a ajuda da professora, não precisava que ela segurasse na minha mão para que eu fizesse o traçado das letras. Por isso, não tive nenhuma dificuldade em assimilar os conteúdos transmitidos por Dona Nana, era como chamávamos aquela jovem senhora, que aparentava ter uns trinta anos, de olhar meigo, mas

severa com alguns alunos, quando esses a desobedeciam. Ela tinha uma varinha que a acompanhava por todos os cantos da sala.

Essa varinha era utilizada para apontar as lições na lousa; os alunos desatentos, que não prestavam atenção nas explicações, às vezes, eram surpreendidos com uma varada na cabeça ou no braço, atitude considerada normal pelas crianças e pais.

No final do segundo semestre, a nossa professora tirou licença maternidade, digo nossa, porque o meu irmão mais velho estudava na mesma sala que eu, e como não havia ninguém para substituí-la, os alunos iriam ficar três meses sem aula. Por esse motivo, meus pais resolveram nos transferir para uma escola da zona urbana. Daquele dia em diante passei a fazer parte de uma realidade completamente diferente da que tinha vivido até então.

Eu, em um misto de alegria e receio, não conhecia ainda a vida da cidade, tampouco sabia como eram os colegas; ia encontrar um mundo novo, uma escola relativamente grande, com mais de quatrocentos alunos, outras maneiras de relacionamento, outras formas de ensinar, vários professores, diferentes costumes.

Bazana e Callai (1996) vêm a reforçar o entendimento de que a criança chega à escola com experiências, valores, enfim, com uma cultura que não pode ser ignorada nem menosprezada. Tudo o que tinha aprendido na escola da zona rural tinha um significado para mim.

No primeiro dia de aula na nova escola fui recebida com frieza e desconfiança pelos alunos. A professora me apresentou para a classe e pediu que eu falasse um pouco sobre a minha experiência escolar. Com minha imensa timidez, só consegui balbuciar algumas palavras. Passando aquelas primeiras semanas de adaptação, interagi com os novos colegas e fui aceita pela classe, sem traumas nem preconceitos.

Ao terminar o Ensino Fundamental, decidi cursar o magistério, não por opção, mas porque era o único curso profissionalizante da cidade onde morava.

Conclui o magistério em 1983 na mesma escola em que fiz o primário e, no ano seguinte, comecei a lecionar em uma escola da zona rural, próxima do sítio onde passei infância. Onde tudo começou.

Minha trajetória profissional foi diferente daquela de minhas colegas que atuam na mesma escola que eu. Comecei minha carreira lecionando na zona rural, na Rede Municipal de Ensino, para uma sala seriada, na qual estavam matriculados alunos de 1ª a 4ª séries, os quais, apesar de tantas barreiras, apresentavam vontade de aprender. As crianças freqüentavam a escola no período da manhã e à tarde ajudavam os pais na lavoura. Os problemas apontados por nós, professores, naquela época, eram as condições das salas de aula, com carteiras quebradas, espaço físico inadequado, a sala de aula era muito pequena para acomodar tantas crianças, ausência de biblioteca, falta de merenda, a qual, quando havia, tinha que ser preparada pelos professores. Além disso, os alunos estavam sempre cansados pelo trabalho na roça e se ausentavam muito das aulas, principalmente no período de plantação e de colheita. Os nossos alunos eram os filhos dos pequenos agricultores que moravam nas redondezas da escola, praticavam policultura, plantavam para sustentar a família e vendiam o excedente, produtos como: arroz, feijão, milho, mandioca, e faziam pequenas hortas na beira do rio Jequitinhonha, isto é, na época da seca, pois quando chovia o leito do rio subia e inundava tudo.

No sítio, os alunos freqüentavam a escola até a quarta série, depois, alguns iam terminar os estudos na cidade mais próxima, como eu fiz, ou paravam de estudar.

Após lecionar por dois anos naquela escola da zona rural, surgiu a oportunidade de trabalhar em uma vila com apenas três mil habitantes, onde eu teria condições melhores de trabalho..

Em 1986, deixei a escola rural e fui trabalhar na vila de São Gonçalves de Minas, onde realmente encontrei melhores condições de trabalho. A escola, da Rede Estadual de Ensino, era composta por dez salas de aula, sala do diretor e dos professores, tinha merendeira, carteiras novas, biblioteca, um enorme pátio que era utilizado para recreação e os alunos só tinham que estudar, não precisando, como os da escola rural, trabalhar. Era uma realidade

completamente diferente daquela de minha primeira experiência como professora.

O aspecto negativo dessa mudança ocorreu em relação ao contato com meus familiares, sendo que algumas vezes eu ficava uma temporada sem visitar meus pais. A vila distava algumas léguas, medida de comprimento usada pelos moradores locais, que corresponde a aproximadamente 6 quilômetros, do local em que meus familiares moravam e quando chovia não tinha como me deslocar dali para visitá-los, pois a vila localizava em um vale com estradas de terra de difícil acesso.

Apesar de tantas dificuldades, esse início de carreira foi a época em que mais cresci profissionalmente, pois convivi com professores mais experientes. Todo final de ano ficava naquela ansiedade e expectativa: será que vou ser transferida para uma escola ainda mais distante? Sentia-me uma naufraga, sem direção, mas no final tudo acabava bem, sempre sobrava uma classe para mim. Toda essa angustia tinha um motivo; na lista classificatória de professores eu era a última e se por acaso fechasse alguma sala teria que ir para outra escola.

Em dezembro de 1987 casei-me e vim morar em Campinas, cidade na qual tive que aprender a lidar com tantas novidades, como trânsito intenso, muita violência, favelas, tipo de moradia que não existia no local onde morava; desafios e a loucura que é viver em uma grande metrópole.

1.1. Caracterização da unidade escolar, recursos físicos e materiais

A E.M.E.F. Professor André Tosello situa-se na Rua Itapura, 446, Vila Aeroporto. Possui nove salas de aula amplas e arejadas, apesar de duas delas apresentarem janelas pequenas que impedem uma boa entrada de ar e luminosidade; sala dos professores com armários e uma pequena cozinha com geladeira e microondas, que são utilizados pelos docentes; banheiros dos alunos (um masculino e um feminino); banheiro dos funcionários; secretaria; sala da orientação pedagógica; sala da vice-direção; sala do diretor; dois almoxarifados, um para armazenar produtos de limpeza e pertences dos funcionários desse setor e outro para guardar materiais pedagógicos e

acomodar a máquina copidora; um banheiro externo, que é utilizado pelas cozinheiras; um quartinho onde são guardados os materiais de Educação Física e outro utilizado para colocar mobiliário quebrado, ferramentas e demais utensílios. A cozinha, onde são preparadas as refeições dos alunos, é equipada com fogão, geladeira industrial, freezer e uma despensa fechada para armazenar os mantimentos. O refeitório é composto por mesas e bancos que acomodam os alunos durante as refeições.

As atividades do dia-a-dia, além das de sala de aula, podem ser desenvolvidas na sala de vídeo, que possui dois televisores, DVD, vídeo cassete e trinta e cinco cadeiras; no laboratório de informática há impressora, vinte e nove computadores com internet, destes somente onze estão funcionando, problema que interfere no desenvolvimento de projetos pedagógicos dos docentes.

A biblioteca, equipada com livros didáticos, paradidáticos, literatura infantil, gibis, revistas e jornal diário de Campinas, complementa o trabalho dos professores com o empréstimo de livros durante todo ano letivo, incentivando o hábito de leitura, além de viabilizar a pesquisa bibliográfica para os alunos.

Quanto à realização das atividades externas, isto é, ao ar livre, a escola possui duas quadras poliesportivas, sem cobertura, onde são realizadas as aulas de Educação Física e um espaço fechado com telas, contendo duas mesas de alvenaria para a realização de atividades diversificadas, como aulas de artes, ensaios de peças teatrais e festas juninas, um playground, que é utilizado pelos alunos do ciclo I e ciclo II.

Um dos problemas enfrentados pela escola é o pouco espaço físico externo disponível para a circulação dos alunos durante o final de cada período de aula e o recreio. Como a escola funciona em quatro períodos, sendo eles: 07:00–11:00 h, 11:00-15:00 h, 15:00-19:00 h e 19:00-23:00 h, é uma rotatividade de alunos, professores, pais e funcionários o tempo todo, sendo o recreio organizado com intervalos de quinze minutos, saindo três classes por vez, para os alunos lancharem e voltarem para a sala de aula.

Nesse pequeno espaço físico existente é que os professores se organizam para realizar atividades diversificadas e desenvolver pesquisas. A

falta de espaço externo amputa nossas expectativas e interfere na motivação do professor, além disso, a escola é desprovida de local para realização de qualquer atividade festiva.

Freire aborda a necessidade de organização do espaço escolar e o quanto este se faz humanamente apropriado para o sucesso do trabalho pedagógico.

O espaço é retrato da relação pedagógica. Nele é que o nosso conviver vai sendo registrado, marcando nossas descobertas, nosso crescimento, nossas dúvidas. O espaço é retrato da relação pedagógica porque registra, concretamente, através de sua arrumação (dos móveis...) e organização (dos materiais...) a nossa maneira de viver esta relação. (Freire, 1996, p. 96).

Existe na escola um estacionamento que é utilizado pelos professores e demais funcionários. A equipe gestora, juntamente com representantes do Conselho de Escola, reivindicou à Prefeitura Municipal de Campinas o espaço do estacionamento com a finalidade de que este seja revertido em área livre para os alunos, ampliando, assim, o playground. Deverá ser doado à escola um terreno baldio próximo, onde será construído o novo estacionamento

Algumas melhorias, como, por exemplo, a pintura da sala de informática, já estão sendo realizadas, mas, também, é do interesse da escola realizar outras, como: reforma dos sanitários dos alunos para adaptá-los aos portadores de necessidades especiais; reforma do piso da quadra, que se encontra em más condições de uso, colocando em risco a segurança dos alunos.

Sempre que necessário é feita à manutenção nos eletrodomésticos da cozinha, sendo que outros equipamentos poderão ser adquiridos no decorrer do ano, caso haja necessidade.

1.2. Características do bairro

A escola localiza-se no bairro Vila Aeroporto, na região sudoeste de Campinas, que apresenta um grande contingente populacional.

Além da nossa, existem no bairro escolas da Rede Estadual de Ensino que atendem alunos do Ensino Fundamental e Médio e algumas escolas de informática e de línguas, que atendem a população por preços bem populares.

Destaca-se como área central do bairro o terminal de ônibus “Ouro Verde”, que é ponto fundamental de ligação dos bairros adjacentes com os demais bairros do município e, principalmente, com o centro da cidade, através de inúmeras linhas de ônibus. Outra referência a destacar é o Hospital - Pronto Socorro Ouro Verde, que atende a toda população local e vizinha, juntamente com vários postos de saúde, que dão cobertura à região em que se situa nossa escola e àquela da qual são oriundos nossos alunos. Agências bancárias, supermercados de porte médio, farmácias, estabelecimentos prestadores de serviços diversos, além de outros pequenos comércios, e o 9º Distrito Policial, dão ao bairro estrutura suficiente para a população.

A região sudoeste está em grande expansão com a construção do shopping Ouro Verde e a ampliação do Aeroporto Internacional de Viracopos, empreendimentos que trarão novo fôlego para os comerciantes e moradores da região.

A realidade sócio-econômica é diversificada, compondo-se, de classe média e, em boa parte, de população de classe média baixa, tendo ambas as faixas possibilidade de usufruir de saneamento básico, além de: asfaltamento de ruas, fornecimento de água encanada pela Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento S.A. (SANASA), de Campinas, energia elétrica, boas condições ambientais, com duas áreas verdes na região: Bosque dos Cambarás - DIC II e Bosque Augusto Ruschi - DIC I.

Por outro lado, temos muitos alunos vivendo em uma região considerada de risco, seus pais são trabalhadores braçais: serventes de pedreiro, limpadores de quintais, coletores de material reciclável, enquanto as mães são domésticas ou faxineiras. Suas casas se localizam ao longo de um córrego, Areia Branca, onde as condições de saúde são muito precárias pela exposição às enchentes e ausência de infra-estrutura, como, por exemplo, saneamento básico. Em face de dificuldades econômicas, para alguns moradores do bairro a única refeição do dia é feita na Casa da Sopa, Organização não governamental (ONG), que é mantida com auxílio de doações e de benefícios da Prefeitura Municipal de Campinas.

Os alunos oriundos dessa região são muito carentes e possuem pouca estrutura material; nesse sentido a escola atua de forma estratégica para o seu

desenvolvimento pedagógico, fazendo campanhas entre funcionários e os alunos mais abastados para arrecadar alimentos e distribuir cestas básicas aos mais carentes. O material escolar e o uniforme são distribuídos pela prefeitura.

1.3. Caracterização dos alunos

A comunidade onde estão inseridos os nossos alunos tem um perfil econômico - social de classe média e média baixa. Nesse sentido, a escola se torna um espaço de desenvolvimento onde os alunos encontram momentos de lazer através de esportes, festividades e, sobretudo uma fonte cultural para a população, visto que o bairro não possui tais recursos.

Os alunos dos períodos manhã, intermediário e vespertino são em número de 921 alunos e compreendem a faixa etária de 06 a 15 anos, aproximadamente. Apresentam um nível de aprendizagem regular, porém, casos de defasagem de idade-série são pontuais.

Possuímos muitos alunos com necessidades especiais que estão integrados nas salas de aula regulares, sendo que nem sempre e nem em todo momento temos o apoio e a presença da professora de educação especial, pois ela presta atendimento em várias escolas, mas, mesmo assim, a orientação da Secretaria Municipal de Educação é para que todas essas crianças sejam atendidas em suas necessidades em relação à aprendizagem.

O perfil dos alunos se altera no período noturno, em que a escola possui classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com 215 alunos, sendo alguns adultos e outros adolescentes. De modo geral, são alunos trabalhadores, alguns desempregados, senhores, senhoras donas de casa. Trata-se de um período mais tranqüilo, devido a faixa etária ser mais avançada e os alunos serem sedentos de aprendizagem.

CAPÍTULO II

Ciclo inicial de alfabetização na E.M.E.F. “Professor André Tosello”

Ao refletir sobre a implantação do ciclo inicial na EMEF Prof. André Tosello, em 2006, penso sobre as muitas questões e dúvidas que povoaram as cabeças, as discussões, reuniões e encontros formais e informais da equipe gestora, do corpo docente, das orientadoras pedagógicas, enfim, da comunidade escolar.

Deparamos com a falta de conhecimento sobre o assunto, dificuldades em obtê-lo, da mesma forma que a presença de pessoas capacitadas que nos proporcionassem um embasamento teórico e prático, que trouxesse maior segurança na condução do nosso trabalho. Também nos inquietamos com a falta de estrutura física e de recursos didático-pedagógicos da escola para que atendêssemos com maior conforto e qualidade aos nossos novos alunos.

A despeito de toda a angústia, inquietação, dúvidas, foi necessário assumir o ciclo como uma realidade dentro de nossa escola e fazer dessa realidade uma possibilidade de crescimento para os profissionais, um fator de sucesso e avanço para as crianças que estavam chegando ao Ensino Fundamental com 6 anos.

Aos poucos, e não com menos dificuldades, fomos nos organizando, refletindo, e hoje temos maior consciência da necessidade de pensar e repensar sobre a especificidade que tem esse ciclo; que papel ele tem no contexto da sociedade atual, das classes populares que atendemos e, ainda, que princípios e metas esperamos atingir ao final do mesmo.

Uma preocupação fundamental dos professores foi a de criar situações que sejam significativas para os alunos. Uma postura que ajude a fazer uma leitura de seus interesses, dos seus conhecimentos prévios e de suas necessidades. Ouvir o que as crianças têm a dizer e observar em que situações de ensino e aprendizagem elas se mobilizam para realizar com entusiasmo as atividades propostas.

Após a avaliação diagnóstica desses novos alunos, foi detectado que eles chegam da Educação Infantil com alguns saberes, que são percebidos na reflexão constante das produções orais, escritas e desenhos, estranham o espaço físico da nova escola, sentem falta do parque, querem brincar, enquanto as atividades lúdicas ficaram restritas ao recreio, que, não raramente, dura 15 minutos. Referente à alimentação, no Ensino Infantil eles mesmos se serviam, na EMEF Prof. André Tosello recebem o prato feito, não têm a opção de escolher

Segundo Bazana e Callai,

Ao ensino nas series iniciais cabe aproveitar as diferentes experiências dos alunos, isto é, o mundo da vida deles, pois antes de ingressarem na escola já fazem parte de uma família, cultura, sociedade, com suas organizações diversas. Na valorização do mundo da vida dos alunos tematizam – se os conhecimentos nele inscritos através da fala, da escrita, da leitura, do desenho, dos movimentos corpóreos. Dessa forma é que se oportuniza a leitura das realidades vividas, leitura que significa imprimir - lhes sentido. (Bazana e Callai, 1996, p. 25).

Enquanto Leite conclui que:

A descoberta da escrita, pela criança, em uma sociedade instruída, ocorre muito antes do ingresso escolar: ela desenvolve noções de letramento da mesma forma que desenvolve outras aprendizagens significativas. (Leite, 2005, p. 62).

As expectativas das professoras do Ciclo I são as de que ao final do ano os alunos estejam alfabéticos e conhecendo o sistema de escrita. Para que isso ocorra, várias estratégias são utilizadas, como: assembléias de turma em momentos de conversas espontâneas (roda de caso), agrupamento positivo, em que os que sabem mais ajudam os outros, análise de contos, listas de palavras com significados, produção de textos coletivos, discussão sobre programas assistidos na TV, cultura e hábitos das famílias e acontecimentos que mobilizam a cidade, o país e o mundo; a evolução da escrita de cada um deles é acompanhada e registrada pela professora.

Em todas as estratégias, vale ressaltar o papel fundamental do professor no direcionamento das atividades, no planejamento e sistematização das mesmas, de forma a delinear a perspectiva do que quer alcançar como

resultado específico da alfabetização. Com esses procedimentos, pode dispor de elementos para refletir sobre sua prática e, com isso, redirecionar a ação pedagógica, sempre que se fizer necessário, para que as crianças alcancem o nível de aprendizagem desejado.

2.1. Breve relato de experiência vivida em série

Logo que cheguei à cidade de Campinas, fui à Delegacia de Ensino, órgão da Secretaria Estadual de Educação, e me inscrevi como professora substituta. Uma semana depois já substituía professores que por algum motivo não podiam ir trabalhar. Foi assim que iniciei a minha carreira docente nessa cidade.

À medida que atuava em sala de aula, ia experimentando, gradativamente, a condição de ser professora em uma grande metrópole, onde os alunos resolviam seus problemas com palavrões, socos, pontapés e eram muito agressivos. Tudo isso vivenciei na Escola Estadual Newton Pimenta Neves, a qual ficava a dois quarteirões da minha casa.

Em 1991, ingressei na Rede Municipal de Ensino de Campinas como professora efetiva na EMEF Prof. André Tosello, onde atuo até hoje. E foi mais ou menos assim que fui me tornando a professora que sou hoje.

Iniciei minha atuação na Rede Municipal de Ensino de Campinas lecionando para a quarta série. A classe era muito numerosa, com 35 alunos, na faixa etária entre 10 e 11 anos, matriculados. Deparei com crianças que enfrentavam grandes dificuldades na relação comigo, mostrando-se, às vezes, indisciplinadas, rebeldes, e a escola, até então, não podia contar com o apoio dos pais, pois esses eram ausentes, delegando a responsabilidade da educação dos filhos à escola.

Acreditava que era possível encontrar um meio de fazer aqueles alunos não se sentirem diminuídos e em rebeldia. O segredo foi melhorar a relação professor-aluno, tomando como base uma abordagem do conhecimento que guardasse relação com sua realidade, que fosse significativa para eles, regras de convivência e diálogo, tornando a escola um lugar mais prazeroso. Nesse sentido, é necessário repensar o nosso agir

pedagógico, transformando-o naquele que atenda as necessidades reais dos nossos alunos.

A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão das crianças e da criação de pontes entre o seu conhecimento e o delas, criando um vínculo de afetividade.

Leite afirma que:

A afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, o que extrapola a sua relação tête-à-tête com o aluno. (Leite, 2006, p. 31)

Bazana e Callai acrescentam:

Se aprender é sonhar com a gostosura de um mundo que se desvenda, então aprender é querer, é descobrir, é não subjugar-se ao outro, ao seu modo de pensar, ao saber do professor. Acreditar nisso e isso praticar exige despirmo-nos da pretensão que nos foi inculcada e que nós mesmos assumimos, de que ao professor cabe apenas ensinar. (Bazana e Callai, 1996, p. 27)

Atuei com autoridade dentro da sala de aula, organizando meu trabalho sem desprezar as diferenças individuais dos meus alunos, valorizando o bom comportamento, o aproveitamento e a obediência, sendo que aqueles que não se enquadravam no modelo intelectual e moral pré-estabelecido pela classe, pela escola e pela sociedade foram encaminhados para acompanhamento psicológico adequado, sempre com a participação conjunta do professor, do psicólogo da escola e dos pais, que foram convocados pela direção e intimados a assumir a responsabilidade de cuidar de seus filhos, atendendo as necessidades dos mesmos.

Vale ressaltar que não foi uma tarefa fácil, mas através da colaboração da equipe gestora e funcionários, elaboramos estratégias e atividades diversificadas que despertassem o interesse dos alunos.

Grupos de alunos pesquisavam temas de seu interesse e apresentavam para a classe os resultados, que abrangiam conteúdos que estavam dentro do currículo escolar.



Fig. 1 – Alunos apresentando o trabalho sobre “Os males do cigarro”

Mostrar caminhos é bem mais interessante que impor trilhos inalteráveis.

Amaral acrescenta:

Num processo de alfabetização crítica, é necessário que o professor estabeleça uma relação de confiança, centrada no respeito pelo que a criança sabe e é. Tal condição é indispensável para que o aluno se sinta apto a participar das reflexões propostas em sala de aula. (Amaral, 2005, p. 83).

Afinal, vários caminhos levam ao mesmo lugar, cabendo ao professor descobrir por qual deles os alunos preferem seguir, ou melhor, qual deles tem menos pedras; o importante, nesse caso, é o professor ser uma bússola que os orienta quanto ao norte a ser atingido.

2.2. Ciclo - Vivência Atual

Com a implantação dos ciclos na Rede Municipal de Ensino de Campinas, nossa escola precisou ser reorganizada. Na organização seriada, o período da manhã atendia aos alunos das 3^a e 4^a séries e no período intermediário (das 11:00 às 15:00 horas) estudavam as 1^a e 2^a séries. Essa distribuição das classes levava em consideração a dificuldade que os menores

tinham para acordar cedo e era uma reivindicação das mães dos mesmos. Mas com o Ensino Fundamental de 9 anos, a demanda foi maior, cresceu muito a procura por vagas no 1º ano do ciclo I, daí a necessidade de reagrupamento.

A implantação dos ciclos se deu da seguinte forma: ciclo I: 1º, 2º e 3º anos; ciclo II: 4º e 5º anos; ciclo III: 6º e 7º anos, ciclo IV: 8º e 9º anos, sendo a reprovação do estudante possível apenas ao final de cada um deles.

A escola ficou organizada assim: 1º, 2º e 3º anos, de manhã, 4º, 5º e 6º anos, no período intermediário, 7º, 8º e 9º anos, no período vespertino e, à noite, EJA I e EJA II.

Com a nova organização, a atribuição das classes foi feita levando em conta o perfil de cada professor. Sendo assim, a mim foi atribuído um 2º ano do Ciclo I. A sala era formada por 28 alunos, com faixa etária entre 7 e 8 anos, destes, 23 estavam lendo, os 5 restantes estavam em processo de alfabetização. Alguns deles eram moradores do bairro onde está situada a escola, outros, dos bairros vizinhos. Chegavam à escola andando, trazidos pelos pais, sendo que três vinham de perua escolar.

Eu também moro no bairro, por isso, conheço um pouco da história de cada um. Às vezes, os encontro no supermercado, na farmácia, e acho legal essa convivência, pois através dela eles tem liberdade para contar fatos ocorridos na família

A classe veio fechada do 1º ano, isto é, composta pelos mesmos alunos, fator que favoreceu a minha ação pedagógica, pois através de um diálogo com a professora do ano anterior ficou mais fácil continuar o processo de alfabetização.

E foi nesse ano de 2007 que surgiu a grande oportunidade para aprimorar minha carreira, a Prefeitura Municipal de Campinas, conveniada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, ofereceu aos professores um curso de especialização intitulado: A pesquisa e a tecnologia na formação docente.

Sabe-se que para muitos a formação profissional sempre foi uma preocupação constante. Porém, e ainda em grande escala, este investimento

continua sendo impedido pela falta de recursos próprios do professor e pela ausência de políticas públicas na educação. Por outro lado, sabe-se também que muitos profissionais da educação estão desinteressados por sua formação e não estão dispostos a se aperfeiçoar, por razões práticas e sentidas na pele como, por exemplo, salários baixos, o elevado preço de livros, custo de deslocamentos e mensalidades. Juntando esta situação com o desprestígio social do professor, boa parte do professorado fica restrita a algumas reuniões escolares, que deveriam ser formativas, mas se tornam mais administrativas do que pedagógicas, em que o diretor dá os recados e lhes repassa sempre mais atribuições, além das já rotineiras.

Aproveitei a oportunidade oferecida e voltei à sala de aula na condição de aluna. Foi quando aprendi a desenvolver projeto de pesquisa com os alunos.

CAPÍTULO III

O TRABALHO COM PROJETOS DE PESQUISA

Nos anos de 2008 e 2009 a classe desenvolveu projetos de pesquisa com base na metodologia científica. Estudando problemas de seu cotidiano, os alunos puderam investigar a realidade na qual estão inseridos e nela descobrir aspectos que até então passavam despercebidos.

3. 1 - 2º Ano do Ciclo I – 2008 - Projeto Alimentação

A necessidade do desenvolvimento desse projeto de pesquisa surgiu após observação feita pelos alunos durante o recreio sobre a quantidade de merenda jogada no latão de lixo. Foi constatado pela classe que o desperdício era maior quando eram servidos alimentos quentes, como arroz com ovos mexidos e feijão.

Suas observações iniciais mostraram que a aceitação era bem maior quando o cardápio era composto por pães, biscoitos, leite e suco. As frutas mais consumidas pelas crianças na escola eram banana e melancia, da maçã, comiam a metade, jogando fora o resto.

A partir desta constatação, resolvemos desenvolver um projeto de pesquisa, envolvendo inicialmente a classe e seus familiares.

Ao idealizar este projeto de pesquisa sobre alimentação, vi ser necessário aplicar um questionário para sondagem sobre os hábitos alimentares das crianças e seus familiares. Com a colaboração dos alunos elaboramos as seguintes questões; primeiramente para os alunos responderem na sala de aula.

- O que é alimentação?
- Para que serve o alimento?
- Escreva nomes de alimentos que você consome em casa.

Os próprios alunos fizeram a tabulação das respostas e os resultados mostraram claramente que eles sabiam o que era alimentação e para que serviam os alimentos, mas se alimentavam de forma inadequada. Os mais consumidos em casa, segundo a pesquisa, foram: salgadinhos, biscoitos, bolos, pizzas, lanches e refrigerantes.

Após essa primeira pesquisa, realizamos uma segunda, mais complexa, em que os pais ajudariam nas respostas. Foi perguntado:

- Quantas horas você assiste televisão?
- Você come algum alimento assistindo TV?
- Qual biscoito e salgadinho você mais gosta?
- O que você come no intervalo (recreio)?
- Você gosta de frutas e verduras? Se sim quais?
- Quantas vezes você vai à lanchonetes por mês?
- Que alimentos você mais gosta?
- Seus pais já compraram algum alimento (salgadinhos, ovo de páscoa) por causa de seus brindes?
- Quantos copos de água você bebe mais ou menos por dia?
- Você prefere sucos ou refrigerantes?
- Qual é alimento mais consumido por você e seus familiares no final de semana?

O questionário respondido em casa mostrava outra realidade da classe, o que me fez concluir que as famílias não foram verdadeiras, alteraram o resultado da pesquisa; pois tinham vergonha de assumir que contribuíam para a forma errônea de alimentar de seus filhos.

Após a tabulação os dados do questionário pelos alunos, numa discussão sobre os resultados, fizeram a seguinte pergunta à classe: Quem escolhe os alimentos que você ingere em casa?

Pude perceber que várias crianças comem o que é servido pela família. Como algumas mães trabalham fora e o almoço é servido por um irmão mais

velho ou vizinho, eles acabam se alimentando de uma refeição mais fácil de preparar, como macarrão instantâneo, durante o jantar comem arroz e feijão acompanhados de algum tipo de carne.

Atualmente, as formas facilitadas para obtenção de alimentos, a inatividade física e a refeição fora de casa, propiciaram uma hiper-alimentação que, por conseguinte, contribuiu para um aumento do número de doenças crônicas, tais como: diabetes, obesidade, hipertensão arterial, doenças coronarianas, câncer, entre outras. Nunca em todos os tempos a expressão “qualidade de vida” foi utilizada tão largamente pelas populações e difundida tão intensamente pelos meios de comunicação, como rádio, internet, televisão, como ultimamente.

A alimentação saudável vem atraindo a atenção de um grande número de pessoas interessadas em ter uma boa qualidade de vida.

Partindo desse princípio da vida saudável, assim como da má alimentação, que para nós se constituiu em uma problematização, traçamos nossos objetivos e delimitamos o desenvolvimento do projeto de pesquisa. Coloquei em prática tudo que estava sendo ensinado no curso.

Para desenvolver projetos de pesquisa com base na metodologia de pesquisa científica, a escola e o professor precisam estar abertos às discussões, às trocas de experiências e envolver-se com o trabalho interdisciplinar, sem esse tripé fica impossível qualquer tentativa de mudança. O que facilita o desenvolvimento de um projeto é a discussão, o debate coletivo, e, no meio do debate, a ação. Deve ser entendido como processo, nunca como fim, pois pode ser repensado, modificado e adaptado de acordo com as necessidades da escola, da turma, do professor, enfim, da comunidade escolar.

Alexandre, ao abordar os benefícios que a pesquisa proporciona ao aluno, esclarece que:

O desenvolvimento da pesquisa não se apresenta como um fim em si mesmo, ele permite a produção de conhecimento novo que seja relevante para a comunidade envolvida no processo. Essa relevância se mostra a partir da aplicação desse conhecimento na formulação de problemas da realidade cotidiana e na busca de soluções para os mesmos. (Alexandre, 2008, p. 01).

Ao que Machado completa:

A sabedoria do projetar consiste na fixação de metas, que podem ser atingidas independentemente dos agentes, ou tão imediatas que não sejam suficientes para motivá-los; mas que também não sejam tão inacessíveis que semeiem a sensação de impotência ou de desamparo. (Machado, 2000, p.7).

A classe tinha como objetivo principal elaborar um livro de receitas fáceis de fazer e saudáveis, que receberia o nome de MC Lanche Saudável, pretendia, também, fazer uma salada de frutas na escola. Além desses, outros objetivos foram elaborados, como:

- Investigar o valor nutritivo dos alimentos.
- Reconhecer a importância de uma alimentação adequada e equilibrada.
- Adquirir hábitos saudáveis com relação à alimentação.
- Identificar e compreender a pirâmide alimentar.
- Identificar doenças causadas pela má alimentação.

Antes do preparo, sugeri uma pesquisa de campo para pesquisarmos os preços de frutas que usaríamos na salada. Fomos ao supermercado mais próximo da escola com uma pequena lista dos ingredientes, selecionamos algumas frutas, dando preferência às mais baratas. De volta à escola, fizemos a salada de frutas e convidamos os funcionários para, junto conosco, saborear a iguaria.

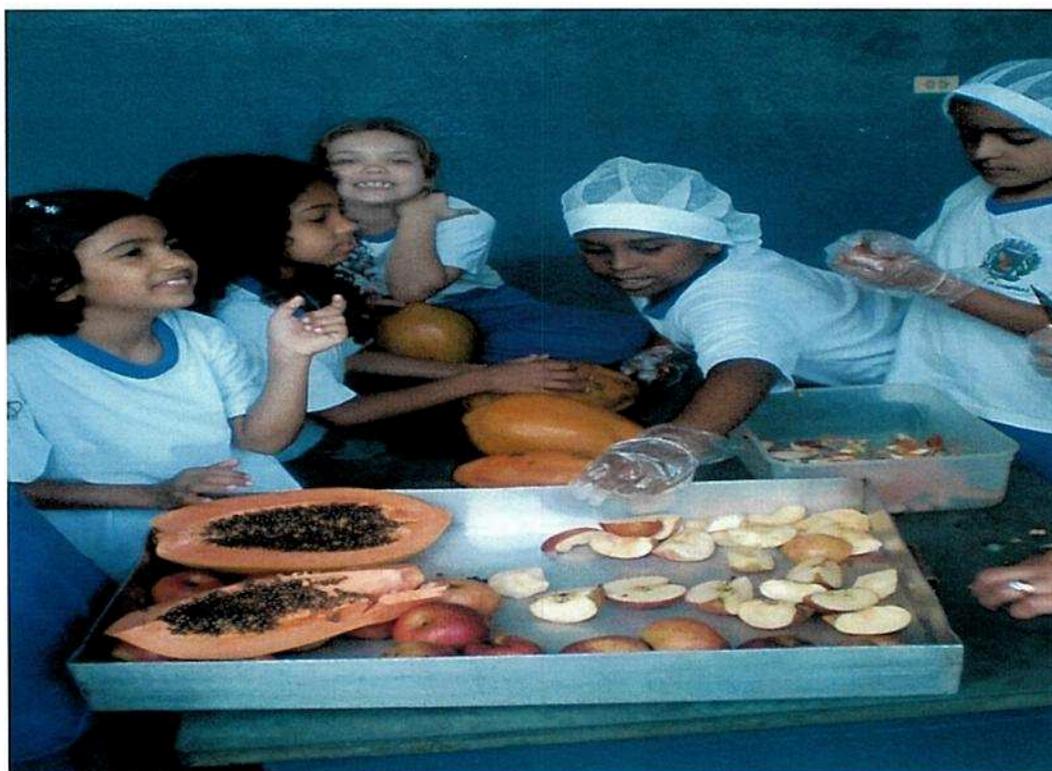


Figura 2 – Classe preparando a salada de frutas.

O processo pedagógico foi delineado a partir de situações vivenciadas pelos alunos, de modo que, aproveitando a pesquisa de campo, trabalhamos o Sistema Monetário Brasileiro, compra, venda, troco, caro, barato.

Com a ajuda das famílias, as crianças pesquisaram em casa receitas que fossem nutritivas, saudáveis e fáceis de fazer. De posse desse material, fomos à sala de informática e digitamos as receitas, cada aluno digitou a sua. O próximo passo seria a confecção da capa do livro.

Para enriquecer o projeto de pesquisa e ampliar o conhecimento dos alunos, assistimos o filme - documentário: Super Size Me – “A dieta do palhaço” (2004), do produtor/diretor/cobaia Morgan Spurlock, no qual, ele se coloca o desafio de, por trinta dias, consumir exclusivamente artigos do McDonald's. O filme documenta os efeitos que tem este estilo de vida na saúde física e psicológica do indivíduo e explora a influência das indústrias da comida rápida nos hábitos alimentares da população.

Durante a gravação, Spurlock comia nos restaurantes McDonald's três vezes ao dia, chegando a consumir em média 5000 kcal (o equivalente de 9,26 Big Macs) por dia durante o experimento.

Antes do início deste experimento, Spurlock comia uma dieta variada. Era saudável, magro e media 1,88 m de altura, com um peso de 84,1 kg. Depois de trinta dias, obteve um ganho de 11,1 kg, uns 13% de aumento da massa corporal, deixando seu índice de (massa corporal) em 23,2, sendo a faixa saudável 19-25 e 27 correspondendo a sobrepeso. Também experimentou mudanças de humor, disfunção sexual, e dano ao fígado. Spurlock precisou quatorze meses para perder o peso que havia ganhado.

Tendo como ponto de partida o enredo do filme, a turma foi dividida em grupos de quatro alunos para fazer uma análise do filme assistido, apontando os pontos negativos e positivos daquela dieta maluca.

Após uma calorosa discussão, algumas questões foram levantadas: Será que algum dos alunos conseguiria fazer a mesma dieta? Será que a culpa da obesidade crescente é realmente das lojas de fast food? Devemos evitar comer lanches? Só o lanche do Mc Donald's faz mal? Se ele tivesse escolhido porções menores de lanches teria feito mal?

Vários alunos relataram, que quando vão ao shopping com a família consomem lanches do Mc Donald's, mas que a partir de agora seriam cautelosos e iriam escolher outro local onde tivesse feijão e arroz.

Após a discussão do filme, produzimos um texto coletivo sobre a importância de uma alimentação saudável.

As pesquisas que realizaram durante o desenvolvimento do projeto trouxeram aos alunos elementos que possibilitaram a eles uma reflexão sobre seus hábitos alimentares. A partir de suas descobertas puderam começar a pensar em mudar de atitude e partir em direção a uma alimentação saudável.

A socialização do projeto de pesquisa foi feita através de cartazes colados no mural da escola, buscando conscientizar os demais alunos da necessidade de uma alimentação saudável. Realizamos exposição dos livros de receitas na ESCOLA ABERTA e na Feira Científica do curso de especialização, na qual as classes dos professores que dele participam

puderam mostrar os resultados do trabalho de pesquisa que desenvolveram durante o ano.

3.2. - 3º Ano do Ciclo I - 2009 - Investigando o meio ambiente do bairro – Vila Aeroporto

Em seu projeto de pesquisa os alunos se propuseram a estudar, através da metodologia científica, o meio ambiente do bairro em que residem e no qual se localiza a escola, a Vila Aeroporto.

Com o desenvolvimento industrial e o aumento da população, as cidades passaram a ter um novo problema: a degradação do meio ambiente.

Em nosso bairro não poderia ser diferente. Esse tema surgiu após a tentativa dos alunos de recolher a bola que foi jogada, durante a aula de Educação Física, num terreno baldio que fica ao lado da escola. Buscando-a, enxergaram um terreno coberto de todo o tipo de lixo, como: restos de materiais de construção, galhos de árvore secos, lixo doméstico e vários outros objetos. Ficaram perplexos ao saber que bem próximo deles, ali do lado, estava acumulado um monte de lixo, onde poderia estar concentrado um verdadeiro depósito de animais transmissores de várias doenças. Sendo assim, os alunos sugeriram iniciarmos um estudo sobre o meio ambiente do nosso bairro.

Mas o que estudarmos? Pois esse tema é muito abrangente. No dicionário Aurélio a definição dada para meio ambiente é a seguinte: “Ecol. O conjunto de condições e influências naturais que cercam um ser vivo ou uma comunidade.” (2002, p. 454).

Alexandre (2008) propõe pensarmos no meio ambiente como meio natural e meio construído pelo homem, sendo exemplos do primeiro floresta, lago, oceano, rio, e do segundo, horta, cidade, pastagem, lavoura, represa.

Para explorar os conhecimentos dos alunos perguntei a eles se sabiam o que era meio ambiente? Várias respostas foram dadas, como:

É o lugar onde vivemos.

É a natureza.

É o lugar onde vivem os animais.

É tudo que tem no planeta Terra.

A definição dos alunos para o meio ambiente não estava totalmente errada, eles tinham conhecimento que meio ambiente era muito mais do que a sua casa, a escola e o seu entorno.

A partir dessa percepção, centramos nossos estudos e pesquisas na interferência do homem no meio ambiente do nosso bairro. Não basta que os alunos conheçam o problema, é importante que saibam que com pequenas ações podem evitar o agravamento da situação. Cabe então à escola cumprir o seu papel de formadora de cidadãos conscientes, críticos e atuantes.

Como desafio para a classe, pedi que eles observassem o trajeto de casa até a escola e anotassem tudo sobre meio ambiente que encontrassem. No dia seguinte, estavam ansiosos para relatarem os seus registros. Pedi que cada um lesse a sua anotação.

A aluna B leu: Já na porta de casa eu notei o meio ambiente no meu cachorro que estava brincando com uma bola velha no quintal. Mais na frente vi passarinhos cantando nas árvores e pessoas indo e vindo.

O aluno D continuou: Como eu vim de perua escolar, as coisas passavam muito rápido, mas eu vi um cavalo pastando num terreno vazio, vi árvores no canteiro da avenida e vi também as plantas na frente da escola.

Após ouvir a leitura de todas as descrições dos alunos, propus a eles que transformassem os textos numa história em quadrinhos. Fizemos uma exposição das HQs no mural da escola. Nessa mostra, a classe compartilhou com os outros alunos o conhecimento adquirido.

Definido o que a classe ia desenvolver no nosso projeto de pesquisa, fomos fazer o reconhecimento da área no entorno da escola. Nossa pesquisa de campo tinha como finalidade a observação do meio ambiente natural, se

naquela região do bairro ainda existia, o meio ambiente construído pelo homem e a identificação dos nomes das ruas do quarteirão.

Além do espaço da sala de aula, o ensino pode ocorrer em outros locais, como praças, bosques, feiras livres, ou até mesmo em áreas públicas nas proximidades da escola. Esse tipo de atividade, que permite o contato direto da criança com o ambiente, envolvendo-a em uma situação concreta, é denominada pesquisa de campo.

Trata-se de excelente recurso pedagógico, pois leva o aluno a confrontar, de maneira crítica, as idéias desenvolvidas em sala de aula com a realidade. Às descobertas da pesquisa de campo podem acrescentadas as realizadas em pesquisa bibliográfica, podendo haver ocasiões em que os dados coletados em livros fornecem elementos que complementam as investigações de campo.



Figura 3 – Investigando o entorno da escola

Após a pesquisa de campo, solicitei às crianças que relatassem quais problemas eles achavam que o bairro tinha, além daquele do terreno ao lado da escola. Vários outros foram surgindo, como: animais soltos pelas ruas, poluição do córrego Areia Branca, que passa atrás da escola a uma distância de aproximadamente 2 metros, calçadas bloqueadas por restos de materiais de

construção, desperdício de água, grades de escoamento da água da chuva entupidas por lixo.

Pude reconhecer na linguagem falada e através dos desenhos que os alunos fizeram, situações de aprendizagem e de percepção de uma dada realidade concreta. A atividade seguinte foi o registro em forma de texto escrito e individual, o qual ilustrou o mural da escola.

Em meados de outubro fomos surpreendidos com uma boa notícia: o terreno ao lado da escola foi limpadado para a construção de uma quadra, o que infelizmente não aconteceu, pois o córrego Areia Branca passa ao lado e inviabilizou a obra, mas já tivemos uma grande vitória, ficamos livre de lixo, ratos, escorpiões e até de cobras que viviam por lá.

Partindo do princípio de que as crianças já chegam à escola com alguns saberes adquiridos no seio familiar, na convivência social, nos meios de comunicação, e que o conhecimento que elas trazem de suas vivências contribui para a reconstrução de sua percepção da realidade à luz de novos conhecimentos descobertos pela pesquisa, os alunos entrevistaram moradores antigos do bairro. O roteiro da entrevista foi elaborado pelas crianças no intuito de recolher informações sobre: Como era o bairro antigamente? Qual era a paisagem entorno da escola Prof. André Tosello? Como eram as águas do córrego Areia Branca? Tinham peixes? Os moradores usavam o córrego para nadar?

De posse desse novo conhecimento, registraram através de desenhos como era a paisagem do bairro antes e como é atualmente. Os pais também fizeram seus desenhos. Num segundo momento, os alunos, em grupos de quatro, organizaram as informações obtidas nas entrevistas, e socializaram as descobertas para a classe, chegando a algumas conclusões coletivas como: O bairro Vila Aeroporto foi formado a partir de invasões de pessoas que vieram de várias regiões brasileiras; a poluição e o esgoto acabaram com a vida do córrego, que antes tinha água limpa e peixes; o bairro está localizado na região com maior contingente populacional de Campinas e seu poder econômico cresceu bastante após a construção do terminal de ônibus Ouro Verde.

O córrego, minha filha, tinha a água tão limpa que naquela época a gente não tinha água encanada, lavava roupa e tomava banho lá, só tirava água do poço pra beber e cozinhar.

(Resposta de uma entrevistada pelo aluno E).

Além da entrevista, várias outras estratégias foram usadas durante o desenvolvimento do projeto. Fontes de informações como Jornal Legal que circula no bairro, revistas, folhetos, internet e livros da biblioteca da escola foram utilizados em pesquisa bibliográfica e, para enriquecer o nosso trabalho, agendamos mais uma pesquisa de campo em uma área verde da região.

Aproveitando a semana da criança fomos fazer um piquenique no Bosque dos Cambarás. Traçamos um roteiro com todas as atividades a serem desenvolvidas, como uma entrevista com os guardas do bosque, para investigar: Quem são os freqüentadores habituais da área? Quais espécies de árvores existentes no local? Se existe coleta seletiva de lixo no bosque? Existe alguma nascente no local? Quais animais habitam o bosque?



Figura 4 - Pesquisa de campo no Bosque.

Fomos a pé para o bosque, localizado a uma distância aproximada de dois quilômetros da escola; os pais tomaram ciência da pesquisa a ser desenvolvida, inclusive que o trajeto seria feito a pé.

Após a pesquisa de campo, já em sala de aula, os alunos relataram as suas descobertas, nas quais observaram que: a vida animal no bosque era

representada por insetos e algumas aves como tucanos, pica-paus e outros pássaros de pequeno porte, o local é usado para lazer dos moradores, lá há uma mina d'água que abastece o córrego Areia Branca, o nome do bosque é em homenagem à grande quantidade de camarás, árvores nativas, existente no local. As fotos tiradas durante a pesquisa foram expostas no mural da escola e registraram os conhecimentos adquiridos em um texto coletivo.

No intuito de que colocassem em prática os novos conhecimentos, sugeri a eles que fizessem maquetes representando todas as pesquisas de campo feitas durante o desenvolvimento do projeto.



Figura 5 – Construindo maquete.

As maquetes representando o entorno da escola, o bosque dos Cambarás e o terminal de ônibus Ouro Verde ilustraram o stand da escola na Feira Científica do curso de pencialização, que trazia o tema: Tecendo Novos Territórios Pedagógicos, realizada na Estação Guanabara, em novembro.

Sabemos que o desenvolvimento de um projeto de pesquisa requer do grupo envolvido muitos cuidados, estudos, preparação e atenção, mas o resultado é muito gratificante, pois propicia novas descobertas, as trocas de idéias e informações induzem os alunos a refletir, analisar, relacionar, generalizar, enumerar, comparar, identificar, comentar, interpretar, descrever, e não somente a memorizar conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término deste trabalho pude extrair algumas conclusões importantes e a principal delas é que esta pesquisa é apenas o começo de uma longa caminhada. Portanto, dele posso extrair um aprendizado de inestimável valor.

Este aprendizado pode ser observado quando ouvimos as crianças, quando abrimos espaço para que possam construir-se como sujeitos históricos, pois ela vê o universo de uma forma própria. Ela apresenta verdadeiramente suas hipóteses, necessidades e interesses.

Falando de vivências, fiz uma retrospectiva ao relatar um pouco da minha história de vida, lembrei de fatos que estavam adormecidos, quase esquecidos...quanta coisa aprendi...e ainda tenho a aprender.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M. T. **Algumas considerações sobre pesquisa**. Campinas: Publicação interna do LEIA/ FE/UNICAMP, 2008.

ALEXANDRE, M. T. **Algumas considerações sobre meio ambiente e educação**. Campinas: Publicação interna do LEIA/FE/UNICAMP, 2008.

AMARAL, C. W. do. Alfabetizar para que? Uma perspectiva crítica para o processo de alfabetização. In LEITE, S. A. da S. (org.). **Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas: Komedi, 2005.

BAZANA, A. E. e CALLAI, D. A. (org.). **As séries Iniciais da escola: conversas de professoras**. Ijuí: Editora Unijuí, 1996.

FREIRE, M. Dois olhares ao espaço-ação na pré-escola. I – Espaço e vida. In MORAIS, R. de (org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** Campinas: Papyrus, 1986.

GALLO, S. Disciplinaridade e transversalidade. In CANDAU, V. M. (org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender..** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEITE, S. A. da S. (org.). **Alfabetização e letramento: contribuições para as praticas pedagógicas**. Campinas: Komedi, 2005.

LEITE, S. A. da S. (org.). **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo®, 2006.

MACHADO, N. J. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras: 2000.